

A Experiência do Sonho e a Exterioridade

De Descartes a Berkeley

Jean-Marie Beyssade

Gostaria, aqui, de comparar dois modos de argumentar acerca do sonho: o de Descartes nas *Meditações Metafísicas*, o de Berkeley nos *Três Diálogos*. Os dois filósofos se defrontam com um elemento fundamental na nossa experiência de homens em vigília, a *exterioridade* ou *outness*¹: tanto a percepção sensível quanto o conhecimento físico nos dão a conhecer corpos exteriores uns aos outros e exteriores a nós próprios. Ambos os filósofos, para pôr à prova essa exterioridade e interrogar sua natureza, sua origem e os limites de sua validade, recorrem a uma de nossas experiências habituais, a do sonho. E, nesse recurso, por eles compartilhado, à comparação entre a vigília e o sonho, parecem ambos realizar, e na mesma ordem, um mesmo par de movimentos. Em um primeiro movimento, argumentam a partir da semelhança e, no limite, da identidade indiscernível das duas aparências²: isso lhes permite destruir ou, pelo menos, abalar o que tomam como uma ilusão do homem comum acerca da experiência da exterioridade da percepção desperta. Em um segundo movimento, argumentam a partir das diferenças e, no limite, da oposição entre as duas experiências³: na oposição entre os modos pelos quais as aparências se conectam na vigília e no sonho, reencontram a distinção familiar ao homem comum entre o real percebido e a visão dos sonhos. Mas o segundo movimento não anula o primeiro, completa-o: a crença inicial, ainda por definir (os sentidos colocam imediatamente o homem em vigília em relação com coisas exteriores que existem independentemente dele, no espaço, tal como ele as percebe), permanece denunciada como uma ilusão ou refutada como um erro⁴. O leitor moderno ver-se-á, portanto, inclinado a julgar que o percurso filosófico é, nesse caso, o mesmo em Descartes e Berkeley, e que ele talvez caracterize de modo global essa nova filosofia das ideias que, à época, ainda não era chamada *idealismo*.

Berkeley não vê as coisas desse modo.

Ele constantemente proclama sua oposição ao percurso cartesiano. Dele, rejeita o primeiro momento, a dúvida hiperbólica, que qualifica de facécia ridícula⁵. Nele, também condena o segundo momento, a posição (nos limites de uma física científica e de uma refutação

* Este artigo foi originalmente publicado em 1986, na *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, vol. 111, p. 355-366. Agradecemos a gentileza dos editores, que nos autorizaram realizar a tradução do artigo e publicá-la nesta revista. As abreviaturas usadas neste artigo estão listadas ao final.

1 G. Brykman (1984), vol. II, p. 28, n. 107.

2 MM-I, AT-VII-19, l.20-22; IX-15. *DHPH*. I, LJ-II-201, l.11-13. As referências a Descartes serão sempre à edição Adam-Tannery; no caso de Berkeley, à edição Luce e Jessop.

3 MM-VI, VII-89, l. 21-25; IX-71. *DHPH*. III, II-235, l. 27-32

4 MM-III, VII-39-40; IX-31. *DHPH*. III, II-261, l.14-18.

5 *DHPH*. III, II-230, l. 19-23. MM-VI, VII-89, l. 19-21; XI-71.

da hipótese de que eu sonho, ambas fundadas na veracidade divina) de substâncias materiais existindo no espaço fora de qualquer espírito.

Por que essa recusa? Seria ela bem fundada?

I – Desde os *Philosophical Commentaries*, duas reflexões mostram como o jovem Berkeley aborda o paralelo tradicionalmente estabelecido entre o sonho e a vigília, e inova com relação a Descartes.

A reflexão 479 não visa explicitamente Descartes, mas versa sobre a questão geral da vigília e do sono: “*the grand, puzzling question whether I sleep or wake? Easily solved*”. Cabe reinserir essa observação no grupo de seis reflexões, das quais as três primeiras (476, 477 e 477a) trazem como anotação marginal a maiúscula M, *matter*, enquanto as três últimas (478 e 478a, 479), a maiúscula S, *soul* ou *spirit*. Se a reflexão 477 mencionou em termos gerais os cartesianos⁶, agora é Descartes quem parece ser mais precisamente visado. É ele quem fez do sonho uma razão para duvidar fundamental e desconcertante⁷. Esteja eu desperto ou dormindo⁸, a questão parece-lhe suficientemente séria para que assuma, bem cedo na *Primeira Meditação*⁹, a hipótese de que esteja a dormir, e a mantenha sem descontinuar até o fim da *Sexta*, somente ali estabelecendo que está acordado e que os pensamentos da vigília são verdadeiros¹⁰. Mas qual é exatamente a questão que Berkeley, contra Descartes, declara facilmente resolúvel? Certamente não o estatuto da exterioridade e a posição de substâncias materiais fora de mim, questão que seria anotada com um M, como em 477 e 477a. Anotada com um S, como as precedentes 478 e 478a, que concernem às relações da alma com suas faculdades, com as ideias sensíveis e com a vontade, a questão facilmente resolúvel de 479 diz respeito às diferenças que a alma percebe entre seus conteúdos de pensamento. Berkeley não tem dificuldades em distinguir as coisas sensíveis das quimeras da imaginação¹¹; chegará mesmo a sustentar que nunca negou essa diferença¹². Em todo caso, nunca se pergunta se está efetivamente a sonhar ou acordado e, por conseguinte, não tem de procurar o que se pode e o que não se pode afirmar quando se supõe estar dormindo.

A reflexão 794 diz explicitamente respeito a Descartes, mas não à questão particular do sonho. Cumpre reinseri-la no grupo em que é discutida a letra mesma das *Meditações* (a partir da reflexão 784) e das *Terceiras Objeções e Respostas* (a partir da reflexão 795). Ela se apresenta explicitamente como uma refutação da última alínea da *Sexta Meditação*: “*Mem. in vindication of the senses effectually to confute wt Descartes saith in the last par. of the last Med.*”. Farei três breves observações sobre essa reflexão.

6 “*Ask a man, I mean a Cartesian, why he supposes this vast structure, this compages of bodies*”: essa interrogação, que visa essencialmente Malebranche (cf. *DHPH*. II, II-214, l. 5-13), recebe um esclarecimento no complemento de 477a. É “a matéria”, e não “os corpos e suas qualidades”, que deve ser rejeitada como uma hipótese maluca, ao mesmo tempo absurda e supérflua.

7 *Grand: summa illa (dubitatio) de somno* (MM-VI, AT-VII-89, l.20-21). *Puzzling: ut obstupescam... hic ipse stupor* (MM-I, p. 19, l. 21-22).

8 *La recherche de la vérité par la lumière naturelle*, AT-X-511, l. 21-22.

9 MM-I, AT-VII-19, l. 23; IX-15.

10 MM-VI, AT-VII-90, l. 5-7; IX-71-72.

11 *DHPH*. III, II-235, l.32-36. Cabe aproximar as duas *facilidades* afirmadas: a questão dos *Philosophical Commentaries* 479, *easily solved*, de um lado, e, de outro, a distinção entre sonho e realidade, *they (= the visions of a dream) might easily be distinguished from realities*, p.235, l.]31-32.

12 *DHPH*. III, II-247, l. 6-7. O leitor de boa memória talvez se lembre aqui do § 18 dos *Princípios* e a hipótese do § 20, hipótese retomada de comum acordo por Philonous e Hylas, *DHPH*. II, II-221, l. 18-24.

1 / É nesse derradeiro parágrafo que Descartes finalmente refuta a hipótese do sonho. Mas a refutação propriamente dita só ocupa sua segunda metade. Ela é precedida por um desenvolvimento, aquele citado por Berkeley, que trata da verdade ou da falsidade das informações fornecidas pelos sentidos, e efetua sua reabilitação nos limites da generalidade dos casos cotidianos, da função utilitária ou biológica dos sentidos e da correlação crítica dos sentidos não apenas entre si, mas também com a memória e o entendimento¹³. Percebe-se assim que o caso do sonho é uma especificação do erro dos sentidos em geral e que a restabelecida distinção entre a vigília e o sonho é um aspecto particular da reflexão sobre as informações sensoriais e sua validade.

2 / Esse vínculo entre reabilitação dos sentidos e refutação da hipótese do sonho é reforçado por uma particularidade da tradução inglesa de Molyneux. É dela que Berkeley extraiu suas citações; um contrassenso reproduzido na reflexão 794 vem prová-lo: Descartes havia escrito que os sentidos “vêm me significar mais habitualmente o verdadeiro do que o falso”, mas Molyneux (e Berkeley na sua esteira) traduzem o contrário: “*the senses oftener inform him falsely than truly*”¹⁴. Ora, nessa tradução – que se limita às seis *Meditações*, com, em sequência imediata, as *Terceiras objeções e respostas* –, o último parágrafo da *Sexta Meditação*, onde é desmontada a hipótese do sonho, precede imediatamente a primeira objeção de Hobbes, que discute justamente a hipótese do sonho tal como ela é introduzida na *Primeira Meditação*. O leitor atento irá se persuadir, portanto, de que a reflexão 794 é seguramente uma última reflexão sobre o corpo das *Meditações*, a ser acrescentada a uma série começada em 784, interrompida em 790 por um grande traço atravessando o manuscrito; mas também de que ela é certamente a primeira reflexão sobre as objeções de Hobbes, seguida por quatro outras, 795 a 798, expressamente consagradas à segunda e à terceira objeções de Hobbes, assim como às respostas de Descartes.

3 / Berkeley escolheu, para essa reflexão, a anotação M, ao passo que a reflexão seguinte traz tanto M quanto S, e as três restantes, apenas S. Portanto, não se trata aqui diretamente da alma e da diferença, fácil ou difícil, entre dois grupos de representações. Trata-se da matéria e de saber se os sentidos fornecem informações verdadeiras sobre um mundo exterior que teria em si mesmo sua existência determinada e suas propriedades conexas. A demonstração cartesiana que Berkeley se dispôs a refutar cabalmente, *effectually to confute*, repousa sobre a premissa seguinte: os sentidos fornecem informações sobre o mundo dos corpos (sua existência, sua exterioridade, suas propriedades, suas conveniências e inconveniências). Os sentidos exibem-me determinadas relações, que devem ser reexaminadas à luz da memória e do entendimento antes de serem vertidas em juízos. O conjunto das relações que, para Descartes, estão conectadas no em-si da matéria serve de norma para atribuir às informações sensórias ou bem verdade (na maioria das percepções cotidianas) ou bem falsidade (no sonho, por exemplo, e nos erros dos sentidos). O que é que Berkeley contrapõe a isso? Que os sentidos não fornecem nenhuma informação que ultrapasse a sensação atual: toda relação que conduz, num juízo, a algo diferente é um acréscimo da memória ou da imaginação (por que não incluir o entendimento é o que veremos depois), acréscimo suscitado pelas conexões repetidas que constatei¹⁵. Vê-se imediatamente que o contrassenso retomado de Molyneux não tem nenhum efeito sobre o valor da argumentação. Pouco importa que se diga acerca de um Príncipe que ele tem mais filhas do que filhos

13 MM-VI, AT-VII-89, l. 8-21; IX-71.

14 O texto encontra-se na tradução de Molyneux, que citamos a partir do exemplar conservado na *British Library* de Londres (110.23), p. 110, l. 15. Cf. T. A. Kantonen (1934, p. 491-492). A mesma origem explica um outro erro de tradução, sobre a *Segunda Meditação*, cometido por Berkeley na reflexão 784.

15 Ph. Comm. 794.

ou mais filhos do que filhas, quando, para refutar essa afirmação, se mostra que ele não tem prole alguma. Pouco importa que se diga de um Cretense que ele é mentiroso ou veraz, se, para refutar essa afirmação, estabelecemos que ele é mudo. Pouco importa que Molyneux e Berkeley em sua esteira cometam um contrassenso, traduzindo que os sentidos me fornecem informações falsas mais frequentemente do que verdadeiras ali onde Descartes havia escrito o contrário, pois Berkeley pretende estabelecer aqui que os sentidos não dizem, *tell*, absolutamente nada.

Assim, desde suas primeiras reflexões, Berkeley deslocou a questão cartesiana. Por meio do jogo entre os dois aspectos S (a diferenciação psicológica entre a vigília e o sonho é fácil) e M (não existem relações em si que permitam julgar de fora as supostas relações que o dado sensível exibiria em si mesmo), ele se encaminha na direção de uma análise intrínseca dos conteúdos. Pois não basta defender, *vindication*, os sentidos reduzindo-os à atualidade indubitável de dados disjuntos: tanto o mundo da vigília quanto o mundo imaginário contêm conexões entre dados. Resta-nos levar a cabo, no terreno dessas relações, internas ou externas, uma análise duplamente comparativa: entre a vigília e o sonho, entre Descartes e Berkeley. O contraste, nesta parte central, entre o trabalho das *Meditações* e o dos *Diálogos* irá nos ajudar a compreender por que Berkeley se sentiu afastado de Descartes ali mesmo onde de bom grado os veríamos como bastante próximos, nas duas extremidades de suas jornadas.

II. – Em comparação com as formas tradicionais do ceticismo e da nova Academia, Descartes, a partir da suposição de que sonha, segue na *Primeira Meditação* um caminho inteiramente novo: desentranha um conteúdo comum, idêntico, quer eu esteja desperto quer eu sonhe. A saber, as naturezas simples que servem de objeto para o matemático e, em seguida, para o físico¹⁶; dentre elas, a extensão geométrica com suas três dimensões, comprimento, largura e profundidade ocupa uma posição privilegiada¹⁷. A suspensão deliberada de todo juízo de existência deixa emergir uma exterioridade puramente fenomenológica, fora da qual eu nada poderia imaginar. Para “todas essas imagens das coisas que residem em nosso pensamento, sejam verdadeiras e reais, sejam fingidas e fantásticas” (AT-VII-20, l. 12-13; IX-15), o espaço euclidiano é ao mesmo tempo o englobante universal no qual se situam e o material de que são compostas¹⁸. Esse conteúdo comum constitui um resíduo resiliente de verdade.

Essa emergência de uma pura espacialidade comum ao sonho, à percepção desperta e à física científica se desdobra em várias consequências. Ater-me-ei a três delas, que daqui a pouco permitirão desentranhar, por contraste, a originalidade de Berkeley.

1 / O *ego* acostuma-se a pensar e a refletir na suposição de que dorme. Segundo Descartes, é perfeitamente possível perguntar-me, no meio de um sonho, se estou dormindo ou desperto, decidir que estou dormindo, e encadear, a partir daí, uma argumentação rigorosa¹⁹. É assim que, despreendendo-se das crenças espontâneas vinculadas aos sentidos

16 “Toda minha física não é senão geometria” (Carta para Mersenne, 27 de julho 1638, AT-II-268)

17 MM-I, AT-VII-20, l. 15-19; IX-15. Ver também MM-V, p. 63, l. 16-21; IX-50. Esse recenseamento das naturezas simples concernentes à extensão é palpavelmente o mesmo desde a *Regra XII* até os *Princípios da filosofia* (I-48 e 69).

18 Cf. M. Wilson (1978), p. 39-40 e n. 54.

19 Descartes afirma, em um célebre texto das *Olympica*, ter de fato experimentado nele próprio esse estado: “o que há de singularmente notável é que, duvidando se o que acabava de ver era sonho ou visão, não apenas *decidiu, dormindo*, que era um sonho, mas levou a cabo sua interpretação *antes que o sono o*

ou à imaginação, a *res cogitans* irá definir-se como entendimento, *intellectus* (MM-II, AT-VII-27, l. 14; IX-21). De início, o sujeito sonhador será matemático: “quer durma, quer sonhe, dois e três postos juntos sempre formarão o número cinco, e o quadrado nunca terá senão quatro lados” (MM-I, 20, l. 27-30; IX-16). [345] Pouco se lhe dá se os seres matemáticos existem na natureza ou não, em outras palavras, se existem fora dele coisas físicas às quais eles se assemelham ou que a eles se assemelham, e, por meio dessa redução, a imaginação pode tornar-se distinta unindo-se ao entendimento no desenvolvimento da geometria. O sujeito descortina-se em seguida como metafísico e descobre sucessivamente todas as verdades das *Meditações* sem nunca deixar de supor que está a dormir. “Mesmo que eu ainda dormisse” (MM-II, AT-VII-28-29; IX-22), é certo que sou uma coisa que pensa, com todas suas modalidades: mesmo a imaginação e a sensação, remetidas desse modo ao *ego* por meio de uma reflexão de entendimento, tornam-se objeto de um conhecimento claro e distinto²⁰. Ainda que eu durma, isso nada muda com relação à prova da existência de Deus ou à verdade da matemática, *hoc nihil mutat*: pois “ainda que eu dormisse, tudo o que se apresenta com evidência a meu espírito, *intellectui*, a meu entendimento, é absolutamente verdadeiro” (MM-V, AT-VII-70-71; IX-56). Mesmo a prova da existência dos corpos e a justificação de uma física científica precedem, na *Sexta Meditação*, a refutação da hipótese de que eu sonhe. Antes de seu despertar final, o sujeito terá, portanto, estabelecido, durante as seis jornadas de um sonho fingido, o quadro completo de uma matemática, de uma metafísica e de uma física. Todas essas relações precedem e preparam a partilha entre as informações falsas do sonho e as informações verdadeiras da vigília.

2 / O próprio sonho possui um arcabouço espacial que Descartes nunca põe em questão. A proximidade entre o terceiro sonho das *Olympica* (AT-X-182-184) e o fim da *Sexta Meditação* é notável, e seria de se perguntar se Descartes não escolheu, para ilustrar sua argumentação filosófica, uma lembrança que o marcara suficientemente para que tenha conservado seu relato, redigido num dia de entusiasmo, por toda sua vida. A incoerência dos sonhos diz respeito às coisas “que me aparecem repentinamente e desaparecem do mesmo modo”, sem que eu saiba nem o lugar de onde vêm, nem como se vão. Mas nada abala o quadro incontestado do espaço tridimensional no qual os fantasmas se sucedem de modo caótico. Objetos e personagens, nas visões do sonho, permanecem diante de mim, exteriores uns aos outros, ou mais ou menos distantes. Descartes, portanto, dissocia as conexões físicas, que asseguram a coerência da vigília e da ciência em contraste com o sonho, da exterioridade fenomenológica, da estrutura espacial com relação à qual ele não pode imaginar que se possa contestar a evidente presença no coração mesmo do delírio ou do pesadelo. Esse espaço perceptivo tridimensional, sejam quais forem as centelhas que o preencham (AT-X-182, l. 18), é um invariante. Podemos nos perguntar se as coisas que ali vemos existem realmente e são na verdade tais como as vemos. Não há que se perguntar como se constrói a terceira dimensão, nem se os objetos se constroem *diante* de nós no sonho, na vigília ou na ciência²¹. O quadro espacial deve ser preenchido, mas como forma da exterioridade ele é sempre já dado de saída.

3 / Natureza simples, a extensão de três dimensões é ao mesmo tempo uma noção primitiva, com a qual compomos todas nossas representações ou ideias (que são “como que as imagens das coisas”), e a natureza ou essência das coisas materiais (tais como a verdadeira física nos dá a conhecer nelas próprias). Assim, sempre subsiste uma relação pelo menos

tivesse deixado” (AT-X-184), e, logo após, “nisso, duvidando se sonhava ou se meditava, despertou sem emoção e continuou, olhos abertos, a interpretação de seu sonho com a mesma ideia”.

20 Cf. MM-II, AT-VII-29, l. 14-18; IX-23. MM-III, p. 35, l. 19-22; IX-27-28. PP-I-30 e 66.

21 *Passions de l'Âme* I, 26.

indireta com a existência, mesmo se ao matemático isso pouco se lhe dá ao fazer geometria. Qualquer que seja a representação da imaginação, com ela é imediatamente pensada a matéria cartesiana, pura *res extensa*²². As combinações entre as figuras, as grandezas e os movimentos que, no interior desse quadro inultrapassável, podemos nos representar são, evidentemente, indefinidas: de onde a infinidade dos fantasmas, dos sonhos ou devaneios, e também das físicas imaginárias dentre as quais uma só irá se revelar como a verdadeira, após ter sido a fábula do mundo. Mas, entre a percepção desperta, o conhecimento científico e as visões do sonho, encontramos um núcleo comum, uma interseção possível que autoriza, mediante correção e crítica por nossas diversas faculdades, a passagem de uma esfera para a outra. A expressão de *geometria natural*²³ aplica-se, em Descartes, primeiramente à relação entre o corpo e a alma, quando a alma recebe, na simplicidade de uma imaginação única, o resultado de um cálculo ideal a partir de dados corporais, como o ângulo dos eixos óticos, de que não tem consciência. Mas poderíamos estender essa aplicação a esse meio comum de todas nossas representações, ao espaço tridimensional cujas relações são omnipresentes.

O sonho, em Descartes, nem aboliu nem abalou uma evidência que, pelo contrário, ele contribuiu a tornar indiscutível: a extensão em comprimento, largura e profundidade. Abriu a via para uma reflexão sobre a natureza intelectual do sujeito meditante. Fechou a via para uma interrogação radical sobre a terceira dimensão. Deixou o filósofo cego para a construção da espacialidade.

III. – O homem comum comete um paralogismo, e Berkeley se apoia no sonho para destruir esse paralogismo.

Para o homem comum, os corpos que percebe à distância existem por isso mesmo fora dele. Nessa expressão “fora dele”, ele não dissocia duas formas de exterioridade: *a*) a exterioridade espacial ou fenomenológica (isto é, dos fenômenos), mediante a qual os corpos lhe aparecem situados no espaço como fora uns dos outros e também dele (isto é, de seu corpo); *b*) a exterioridade absoluta ou substancial mediante a qual substâncias materiais existem nelas próprias fora de seu espírito e mesmo de todo e qualquer espírito²⁴. Para ele, os próprios sentidos, particularmente a visão, lhe dão imediatamente essa dupla exterioridade, fenomenológica e absoluta, a distância envolvendo a *outness* em todas as acepções do termo²⁵.

Examinarei como Berkeley desfaz esse paralogismo²⁶ encadeando dois argumentos inteiramente distintos. De início, ele efetua, no estilo cartesiano, uma comparação com o sonho: por esse meio, opera uma dissociação entre o caráter imediato da exterioridade

22 *Le Monde*, cap. VI, AT-X-35.

23 A expressão, que se encontra notadamente no Discurso VI da *Dióptrica* (AT-VI-137), foi pinçada e discutida por Berkeley em um *Apêndice* à segunda edição da *Nova teoria da visão*, LJ-I-237-238. Remetemos às notas de F. Alquié (em sua edição das *Œuvres philosophiques* de Descartes, vol. I, p. 425 a 429) sobre o trecho do *Traité de l'Homme*, AT-XI-160, onde comparece pela primeira vez a expressão *geometria natural*. Berkeley parece de fato tomá-la no sentido que lhe demos aqui, cf. *NTh Vision*, § 19.

24 “*A subsistence exterior to the mind...a real absolute being*”, *DHPH*, LJ-II, p. 175, l. 25-28. “*An absolute existence exterior to the mind*”, p. 206, l.39. “*An absolute existence out of the minds of spirits*”, p. 211, l.38. “*An absolute external world*”, p.214, l.25. “*The external or absolute existence*”, p. 220, l. 30. “*An external absolute existence*”, p. 258, l. 27. Berkeley emprega, para essa existência absoluta as expressões *external* ou *exterior*, *out* ou *without (the mind)*.

25 *PHKn*. 42. *DHPH*. I, LJ-II, p. 201, l. 28-29.

26 O texto de base que discutimos é *DHPH*. I, p. 201, l. 5 a 202, l. 40. Ele é evidentemente paralelo à terceira objeção dos *PHKn*., § 42-43-44 (sem por isso ser-lhe absolutamente idêntico). Esses dois trechos remetem explicitamente à *Nova Teoria da Visão* (e à sua *Defesa*).

espacial (que aparentemente permanece intocada) e a exterioridade absoluta (condenada). Mas ele prossegue com um segundo movimento sem correlato cartesiano: voltando-se agora para a exterioridade fenomenológica, mostra que o espaço tridimensional não é nunca um dado imediato dos sentidos. Ele leva a cabo simultaneamente uma desconstrução metódica e uma gênese empírica desse espaço. O paralelo com o sonho desemboca assim num trabalho original, no qual a natureza simples cartesiana se esvai.

Sigamos o andamento dos dois argumentos.

O primeiro é perfeitamente tradicional. Contém duas premissas: 1 / a afirmação de uma identidade (fenomenológica) entre as aparências da vigília e as do sonho; 2 / a opinião corrente de que as aparições do sonho não têm nenhuma existência fora do espírito. Sua única originalidade consiste em fazer com que a comparação, na primeira premissa, se aplique especificamente à terceira dimensão. Descartes faz emergir o espaço de três dimensões *após* a comparação da vigília com o sonho, como um elemento comum que *resistia* ao efeito destruidor dessa comparação no fulgor indiscutível de sua evidência. Berkeley, ao contrário, parte desse espaço, e aplica-lhe a comparação com o sonho para provocar nele um efeito de dissolução. O primeiro resultado obtido é o de apartar radicalmente a exterioridade fenomenológica (*"the appearance of being distant"*, p. 201, l. 11), idêntica nos dois casos (os mesmos objetos, estrelas, lua, etc., aparecendo ou podendo aparecer do mesmo modo à mesma distância), da exterioridade absoluta ou substancial (*"to be without the mind"*, l. 15), abolida no sonho. Esse primeiro resultado, num certo sentido, é pura e simplesmente *hiper-cartesiano*: da pura presença ideal da espacialidade, elimina, total e definitivamente, qualquer referência à existência em si, àquilo que Descartes chamava a realidade formal – por exemplo, do sol fora de mim²⁷. Mas essa primeira manobra já submete a exterioridade como tal ao exame cerrado do microscópio filosófico.

É por isso que o segundo argumento, que trata apenas da percepção sensível (e não mais do sonho) e desconstrói a própria exterioridade fenomenológica, pode se situar no prolongamento do primeiro²⁸. Berkeley mostra: 1 / que aquilo que o sentido da visão fornece imediatamente não é senão campos de duas dimensões diferentemente coloridos e iluminados, e 2 / que a terceira dimensão é engendrada pela associação regular desses dados visuais não apenas entre si mas também com ideias tácteis e uma certa sucessão de tempo e movimento²⁹, de tal modo que uma sensação visual acaba por sugerir algo diferente dela própria³⁰. Duas estratégias apresentam-se aqui, entre as quais Berkeley não se decide

27 Descartes, *Premières Réponses*, AT-VII-102-103; IX-82. Cf. também o célebre trecho de Malebranche, *La Recherche de la Vérité*, Pléiade, liv. III, 2ª parte, cap. I, p. 320.

28 Nos *Principles*, em resposta ao paralogismo da exterioridade, Berkeley responde, *answer*, primeiro pelo argumento do sonho (§ 42), depois, *"for the fuller clearing of this point"*, pela desconstrução da terceira dimensão (§ 43 e 44). Nos *Diálogos*, Philonous começa opondo ao paralogismo da exterioridade o argumento do sonho (p. 201, 8-20). Mas Hylas irá resistir, apoiando-se na evidência sensível da terceira dimensão, e, isso, em três ocasiões seguidas, (*"I acknowledge. But..."*, p. 201, l. 20; *"True: but..."*, l. 28; *"It doth not; but..."*, l. 39). Philonous triunfa sobre sua resistência ao expor a gênese empírica da terceira dimensão; e confirma sua análise acrescentando, por sua própria iniciativa, e sem que Hylas faça mais do que segui-lo, o exemplo do cego nato que foi operado (p. 202, l., 10-17) e a projeção pontual sobre o olho do segmento que mede a distância (l. 18-25). A argumentação parece então concluída. No entanto, Philonous volta atrás (*"Again"*, l. 26) e retoma um paralelo, desta vez entre a percepção do espaço e a percepção da cor (l. 26-35). Ele pode então concluir, reunindo as duas fases de sua argumentação (l. 36-40).

29 *PHKn.*, § 43. *DHPH*, I, p. 202, l. 6-8.

30 Quais outras coisas? A rigor, outras ideias (do mesmo sentido ou de outro). Mas também a distância (o espaço exterior tridimensional) e as coisas no espaço (as coisas exteriores tridimensionais), que são, na verdade, construções ou noções.

claramente, de onde a complexidade tanto desse segundo argumento quanto de sua conexão com o primeiro. É-lhe possível tomar a questão da exterioridade absoluta como definitivamente liquidada pelo argumento do sonho e limitar-se à exterioridade fenomenológica: mostrando como a terceira dimensão é construída a partir de sensações sem profundidade³¹, ele produziria uma análise decerto original, mas meramente psicológica – daria uma gênese empírica para a noção primitiva de Descartes. Mas ele dispõe também de outra estratégia possível. Esta consiste em manter a tese de que a terceira dimensão envolve ao mesmo tempo as duas exterioridades, espacial e absoluta; que as duas expressões *at a distance* e *out of the mind* são equivalentes; que, *se* as coisas são ou aparecem ser, com uma aparência manifesta aos sentidos e evidente para eles, no espaço tridimensional, *então*, salvo embuste³², elas são de fato independentes do espírito. Tal é incontestavelmente a pressuposição de Hylas, e Philonous não a recusa nunca em toda a longa discussão (p. 201, l. 20 até 202, l. 25) em que ataca o caráter imediatamente percebido da terceira dimensão. Chamemos A e B as duas estratégias. A estratégia A poderia ser assim enunciada: mesmo se (αA), como consequência do argumento 1 (comparação com o sonho), dissociamos as duas exterioridades e abandonamos a exterioridade absoluta para nos recolher na exterioridade espacial, então (βA), em virtude do argumento 2 (a distância não é dada para os sentidos, mas adquirida pela experiência), será preciso negar aos próprios sentidos essa exterioridade fenomenológica. Por sua vez, a estratégia B poderia ser assim enunciada: mesmo se (αB), reconsiderando o argumento 1 (a despeito do caso do sonho), conservamos a indistinção entre as duas exterioridades, espacial e absoluta, então (βB), em virtude do argumento 2 (a distância não é dada para os sentidos, mas adquirida pela experiência), os sentidos, não nos fornecendo a terceira dimensão, tampouco nos fornecem a exterioridade absoluta. A primeira estratégia destaca melhor o aprofundamento, em comparação com Descartes, do novo movimento; a segunda o adapta melhor às pressuposições e às resistências do materialista Hylas. Na verdade, Berkeley não enuncia formalmente a proposição α , que diferencia as duas estratégias (αA : mesmo se eu *aceito* o argumento 1; αB : mesmo se eu *recuso* o argumento 1), ele se concentra no elemento comum β (estabelecer que o sentido não fornece a distância). Caberia então dizer que ele notou a heterogeneidade dos dois argumentos (que se articulam de modo oposto nas duas estratégias) e que ele não teve consciência de que trazia algo novo à crítica de Descartes, após ter tomado, como ele, seu ponto de partida no argumento do sonho?

O final de nosso trecho irá provar o contrário. Pois, após ter estabelecido que “a distância não é própria e imediatamente percebida pela vista” (p. 202, l. 25), voltamos para trás³³, na direção de uma duplicata do primeiro argumento. Entre percepção das cores e percepção da extensão, dá-se novamente o mesmo jogo que entre visões dos sonhos e percepção desperta: 1 / a afirmação de uma identidade fenomenológica, “*the sensible appearance being the very same with regard to both*”, l. 34 (fazendo eco a “*the same appearance of being distant*”, p. 201, l. 11); 2 / a opinião corrente³⁴ de que as cores estão apenas no espírito, “*you acknowledge colours do not [exist without]*”, l. 33 (fazendo eco a “*to be without the mind? – By no means*”, p. 202, l. 15-16). Doravante, a argumentação sobre a gênese empírica da terceira dimensão fenomenológica é emoldurada por duas argumentações paralelas, de estilo comparativo,

31 NTV, § 43. Comparar com J.-J. Rousseau, *Emile*, Pléiade, liv. I, OC-IV-280.

32 Sobre essa *deception, to deceive*, comparar com *DHPH*, I, p. 201, l. 20-21 (“*doth not my sense deceive me in those cases?*”) e *DHPH*, III, p. 243, l. 8-27.

33 *Again*, l.26, como *rursus* em latim, se opõe a *now, then*, l.10 e l.14, em latim, *porro*. A argumentação assim introduzida não se apoia na precedente para prolongá-la, ela retrocede com relação à precedente para retomar uma questão já tratada.

34 Ph. Comm. 687

contra a exterioridade absoluta. Berkeley preparou um golpe mortal que guarda para o final, segundo uma técnica que lhe é cara³⁵. Para desferi-lo, adota a estratégia que chamamos, acima, de B. Abandona aquilo que sabe haver de mais original em seu trabalho (a distância não é imediatamente percebida) e, desta vez, enuncia formalmente a proposição concessiva inicial. *Mesmo se*, reconsiderando o argumento 2 (a despeito das provas de que a terceira dimensão tem uma gênese empírica), conserva-se a imediatidade sensível da distância (“*allowing that distance was truly and immediately perceived by the mind*”, I. 36-37), *no entanto, yet*, em virtude de um argumento terminal (o imediatamente percebido é necessariamente uma ideia no espírito), cumpre recusar-lhe a existência absoluta. Essas poucas linhas, pela primeira vez, afirmam expressamente a independência entre as duas argumentações: contra a exterioridade fenomenológica, a distância não é imediatamente percebida, ela não é uma forma *a priori* da sensibilidade; contra a exterioridade absoluta, ela não existe fora do espírito, mas apenas no espírito. Diferentemente do que chamamos de segundo argumento, o golpe atinge aqui a exterioridade absoluta e não a exterioridade fenomenológica. Diferentemente do que ocorre no primeiro argumento (o sonho e a vigília) ou de sua duplicata (a cor e a extensão), o golpe mortal na exterioridade absoluta não é mais indireto, por um viés comparativo, ele age diretamente por meio de uma elucidação do imediatamente percebido enquanto ideia.

O sonho abala assim, com a noção equívoca de exterioridade, a evidência do espaço, que ele torna problemática. Abre a via para uma interrogação sobre a terceira dimensão e sobre a construção da espacialidade. Berkeley viu a possibilidade de integrar essa contestação original da exterioridade fenomenológica com outros argumentos mais tradicionais contra a exterioridade absoluta. Viu também a possibilidade de dissociar essas duas argumentações: quer, deixando intacta a tese de um espaço absoluto acessível ao tato, se critique apenas a imediatidade fenomenológica da profundidade visual³⁶, quer, deixando intacta essa imediatidade, se critique apenas a exterioridade absoluta.

IV – Como conclusão, uma breve apreciação da originalidade de Berkeley no que diz respeito à exterioridade em geral e ao sonho em particular.

1 / Ele arremata a dissolução de um paralogismo da exterioridade³⁷. Para evitar o solipsismo do *ego cogitans*³⁸, Descartes começava por Deus, mas terminava pelas substâncias corpóreas: da faculdade passiva de sentir, em mim, concluía primeiro por uma faculdade ativa em uma substância distinta de mim (exterioridade absoluta)³⁹, mas lhe atribuía na sequência também a exterioridade espacial ou fenomenológica⁴⁰. Berkeley recusa esse último passo e mantém a separação entre as duas exterioridades. A sensação passiva remete a um poder ativo fora de mim em um ser exterior que me afeta de fora⁴¹, mas esse exterior não é

35 Ph. Comm. 687.

36 Tal é o traço próprio da *Nova Teoria da Visão*, segundo os escritos posteriores (cf. *PHKn.*, § 43-44).

37 Kant, *Crítica da Razão Pura*, 1ª ed., crítica do quarto paralogismo da psicologia transcendental, *AK*. IV-234.

38 *MM-III AT-VII-40*, l.5-7; IX-31.

39 *MM-VI*, p. 79, l. 15; IX 63.

40 *PP II*, 1. Sobre esse segundo momento da prova, cf. *MM-VI*, p.79-80; IX-63. Descartes e Burman discutiram esse ponto da demonstração, cf. *AT-V-167*, acerca de *PP-II-1*.

41 *DHPH*. III, 240, l. 1-3. É nesse sentido que se poderia falar, no limite, de um arquétipo *exterior* para nossas ideias, (p. 248, l. 30-33).

espacial⁴². Os corpos que percebo existem fora de mim no espaço⁴³, mas esse exterior espacial ou fenomenológico não tem subsistência absoluta fora do espírito. Da opinião comum, precipitada e excessiva, a crítica cartesiana salva um elemento que ela guinda à altura da razão. Berkeley nada deixa subsistir daquilo que seria uma pura ilusão, não fosse o fato de que no fundo ninguém lhe dá crédito fora alguns filósofos extraviados⁴⁴.

2 / O entendimento cartesiano opera tanto no mundo sensível (geometria natural imanente) quanto fora dele (para pensar seres metafísicos ou imateriais). O entendimento preserva, em Berkeley, sua função metafísica (para passar das ideias sensíveis à causa divina que as produz em nós), mas perde toda função constituinte no interior do sensível. Ali, nunca a dedução se torna demonstração⁴⁵, pois suas regras são extraídas da observação e da imaginação, sem recorrer a um entendimento puro⁴⁶.

3 / A noção primitiva de extensão, partilhada, segundo Descartes, pelo entendimento, a imaginação e os sentidos, precede os objetos físicos que aprendemos, por experiência, a nela construir. Para Berkeley, o espaço e a distância são construídos empiricamente, por repetição de associações regulares – sendo simultânea à construção da identidade física do objeto intersensorial ou interindividual⁴⁷.

4 / A construção que desemboca na exterioridade espacial da terceira dimensão é de natureza linguística. Exatamente como a noção de Deus acaba por se acrescentar às letras que a significam e a sugerem⁴⁸, a experiência nos ensina a associar ao dado visual imediato uma significação espacial. E aquele que não adquiriu essa experiência por assim dizer linguística não acrescenta a noção de distância a suas sensações⁴⁹.

5 / O sonho está para a vigília como uma linguagem privada para uma linguagem pública, e a percepção comum está para a ciência física como a prática de uma linguagem para o aprendizado de sua gramática⁵⁰. Uma linguagem privada pode se nutrir, de modo parasitário, de uma linguagem pública até o ponto de se confundir, por vezes, com esta última: a diferença não está em uma relação com uma realidade qualquer (existindo em si), mas na riqueza do diálogo (de si com os outros, e mesmo consigo mesmo). “Fácil” de sentir, essa diferença pode, no entanto, ser indefinidamente elucidada, à medida que os exames experimentais aprofundam as regras da gramática comum. Curiosamente, a um autor tão pouco cioso de se aprofundar na consciência do sonhador foi dado notar o que a distingue da vigília: a objetividade que lhe falta não é a exterioridade absoluta de uma substância material no espaço, mas a linguagem comum, pública, ininterrupta, da natureza (ou do autor da natureza) e dos espíritos finitos que a ela se referem. Para certificar-se de que os físicos

42 *DHPH*. III, p. 239, l. 18. Cf. *DHPH*. II, p. 216, l.34 e 222, l. 6-15.

43 *Ph. Comm.* 98, 429.

44 *DHPH*. III, p. 243, l.20-24. Cf. *Ph. Comm.* 359.

45 *PHKn.*, § 107 (*in fine*).

46 *Ph. Comm.* 317, 373, 810. *DHPH*. I, p. 193, l. 35, 194, l. 6.

47 Berkeley parece ter hesitado acerca dessa aquisição empírica das relações espaciais. Primeiro, mesmo se o sentido não me dá o espaço tridimensional, ele talvez baste para me dar as duas dimensões da superfície e, portanto, uma forma de extensão (cf. *Ph. Comm.* 215 e 216). Depois, parece que o matemático não precisa esperar a experiência para demonstrar algumas proposições que se apoiam em conexões necessárias (cf. *NTV*, § 5 e 7), o que deixa aberta a possibilidade de inferências matemáticas que remetem ao entendimento (*TVVE*, § 42).

48 *DHPH*. I, p. 174, l. 13-22.

49 *DHPH*. I, p. 202, l. 14-15.

50 *PHKn.*, § 108-110.

não sonham⁵¹ e de que sua ciência não é uma fábula, não é de modo algum preciso provar pela veracidade divina que existe uma substância material. Basta que eles desenvolvam sua prática e compreensão da linguagem da natureza⁵²: é a coerência desse discurso que atesta a existência de um Espírito infinito para tê-lo, contê-lo, mantê-lo⁵³.

Tradução de Bento Prado Neto

UFSCar/CNPq

Revisão: Edgar Marques

UERJ/PPGLM-UFRJ/CNPq

Abreviaturas

Obras de George Berkeley:

DHPH: *Three Dialogues Between Hylas and Philonous*

PH. Comm.: *Philosophical Commentaires*

PHKn: *A treatise concerning the principles of human knowledge*

NTV: *An essay towards a new theory of vision*

Obras de René Descartes:

MM: *Méditations Métaphysiques*

PP : *Principes de la philosophie*

Referências

BERKELEY, G. *The Works of George Berkeley Bishop of Cloyne*. Ed. A A Luce e T E Jessop, 5 vol., Londres / Nova York : Thomas Nelson and Sons Ltd., 1948-1957.

BRYKMAN, G. Berkeley. *Philosophie et apologétique*, Paris: Vrin, 1984.

DESCARTES, R. *Oeuvres de Descartes*. Ed. Charles Adam & Paul Tannery, 11 vol., Paris, 1897-1909.

KANTONEN, T. A. The influence of Descartes on Berkeley. *The Philosophical Review*, 43, 1934.

WILSON, Margaret. *Descartes*. Routledge, 1978.

51 DHPH. III, p. 242, l. 18-22.

52 *Ibid.*, p. 243. l. 3-7.

53 PHKn., § 145-149. "As sure therefore as the sensible world really exists, so sure is there an infinite omnipresent spirit who contains and supports it" (DHPH. II, p. 212, l. 9-11.)

RESUMO

Gostaria, aqui, de comparar dois modos de argumentar acerca do sonho: o de Descartes nas *Meditações Metafísicas*, o de Berkeley nos *Três Diálogos*. Os dois filósofos se defrontam com um elemento fundamental na nossa experiência de homens em vigília, a exterioridade ou outness: tanto a percepção sensível quanto o conhecimento físico nos dão a conhecer corpos exteriores uns aos outros e exteriores a nós próprios. Ambos os filósofos, para pôr à prova essa exterioridade e interrogar sua natureza, sua origem e os limites de sua validade, recorrem a uma de nossas experiências habituais, a do sonho.

Palavras-chave: Descartes; Berkeley, argumento do sonho, idealismo.

ABSTRACT

*I would like here to compare two ways of arguing about dreaming: Descartes' in *Metaphysical Meditations*, Berkeley's in the *Three Dialogues*. The two philosophers are faced with a fundamental element in our experience of human beings in waking, exteriority or outness: both sensitive perception and physical knowledge make us know bodies that are external to each other and external to ourselves. Both philosophers, to test this exteriority and to question its nature, its origin and the limits of its validity, resort to one of our usual experiences, that of dreaming.*

Keywords: Descartes; Berkeley, dream argument; idealism